

A TRANSIÇÃO DO JORNALISMO – DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX

Rodrigo Carvalho Da Silva*
UNESP – Universidade Estadual Paulista

Índice

Introdução	1
1 Desenvolvimento	2
Considerações Finais	8
Bibliografia	9

Resumo

A imprensa é uma instituição social, assim a análise de sua história se faz necessária justamente para entendermos como se dá o processo de construção social através da produção midiática que ao longo dos anos passou por diversas transformações. O próprio estudo de como se originou a imprensa é de grande relevância uma vez que nos pode oferecer orientações sobre o período em que o homem passou a sentir a necessidade de se comunicar para públicos cada vez maiores.

Palavras-chave: história, imprensa, jornalismo.

Abstract

*Comunicador social com habilitação em Jornalismo e pós graduado em Comunicação mercadológica, redator.carvalho@itelefonica.com.br.

The press is a social organization, thus the analysis of its history is necessary to the understanding of the process of social construction through mediatic production that throughout the years had gone through many transformations. The study of how the press originated is of great relevance once it leads us to the period that men began to feel the need to communicate to bigger and bigger public.

Keywords: history, press, journalism.

Introdução

A história é construída através do tempo por ações sociais e agentes históricos e a imprensa certamente tem uma grande atuação como agente histórico da sociedade. Os produtos da mídia são sempre caracterizados por elementos políticos, econômicos, culturais, sociais e mercadológicos.

A história da imprensa é um tema discutido por diversos profissionais como jornalistas, sociólogos e historiadores, pois seu estudo implica na discussão do desenrolar da comunicação social.

O jornalismo pode ser definido como um conjunto de técnicas, saber e ética. É sempre baseado no imediatismo e depende intima-

mente dos acontecimentos sociais. Já a imprensa é toda a produção do saber e conhecimento social. Porém, ambos, imprensa e jornalismo são constituídos historicamente. Assim, o que se pretende neste trabalho é discorrer sobre uma parte da história do jornalismo que consequentemente engloba a história da imprensa.

1 Desenvolvimento

1.1 História e Expansão do Jornalismo

A expansão do jornalismo começou no século XIX juntamente com a expansão da imprensa, mas conquistou maior espaço no século XX a partir do surgimento de novos meios de comunicação social, como o rádio e a televisão. Atualmente no século XXI vivemos uma nova revolução no jornalismo devido a Era da Informação e do Conhecimento, que exige uma série de novas transformações e adaptações dos antigos meios de comunicação ao mesmo tempo em que abre novas perspectivas como o jornalismo on-line.

A comercialização do jornalismo teve início ainda no século XIX, tratando a informação no formato de notícia e esta como um produto.

O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número

crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda. (TRAQUINA, 2005. p. 34).

As características e valores que foram reconhecidos ao jornalismo enquanto atividade permanecem os mesmos ainda hoje, sendo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e prestação de serviço ao público.

O conceito de que o jornalismo fornece informação e não propaganda transformou a notícia como um produto subjetivamente baseado em fatos e não opiniões. A partir desse momento, a informação passou a ser tratada como mercadoria e essa mudança pode ser visível com o aparecimento de uma imprensa mais sensacionalista no final do século XIX. Nos Estados Unidos, esse tipo de jornalismo recebeu o nome de jornalismo amarelo. (SILVA, 1991).

O século XIX foi o período da História de maior importância para a imprensa devido a fatores como a evolução dos sistemas econômico e político, os avanços tecnológicos, transformação sociais e o reconhecimento da liberdade em rumo à democracia.

Quando o jornalismo se expandiu transformando-se em um negócio lucrativo e rentável conseguiu também sua independência econômica em relação aos subsídios políticos que dominava a imprensa em seus primórdios. Assim, no final do século XIX o jornalismo se tornou cada vez mais vital como veículo para a publicidade. (TRAQUINA, 2005)

Além da independência política e

econômica, os avanços tecnológicos também transformaram o jornalismo.

As melhorias na reprodução de imagem, sobretudo com a fotogravura em 1851 e a heliogravura em 1905, deram um novo *élan* à imprensa [...] Em particular, a invenção da máquina fotográfica iria inspirar o jornalismo no seu objetivo de ser as “lentes” da sociedade, reproduzindo *ipsis verbis* a realidade. (TRAQUINA, 2005, p.38).

O impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas-de – fechamento, permitindo a realização de um valor central da cultura jornalística – o imediatismo. De novas edições dos jornais no mesmo dia à quebra da programação televisiva anunciada como boletins, novos avanços tecnológicos nas últimas décadas do século XX tornaram possível, de longa distância, atingir o cúmulo do imediatismo – “a transmissão direta do acontecimento”. (TRAQUINA, 2005, p.53).

Segundo Bourdieu (1997), a atividade jornalística por ser realizada sob pressão do tempo, do imediatismo e pelo “furo” de reportagem. Esses fatores acabam construindo diariamente uma representação instantânea e descontinuada da realidade e do mundo.

Devido à falta de tempo para apurar mais detalhadamente as informações e executar um trabalho de pesquisa mais aprofundado, os jornalistas não conseguem trabalhar os acontecimentos de forma relacionada com os sistemas e contextos em que estão inseridos. Assim, a cobertura jornalística muitas vezes é feita apenas superficialmente.

De acordo com Traquina (2005), muitos fatores sociais colaboraram para a expansão do jornalismo, sobretudo a escolarização da sociedade e o processo de urbanização, intensificando o crescimento de futuras metrópoles.

Seria principalmente nas últimas décadas do século XIX, surpreendida pela turbulência das transformações sociais, que a cultura letrada e a imprensa começariam decididamente a avançar para além das elites tradicionais. Nessa época, em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exporta capitais e invade rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social. (CRUZ, 2000, p. 42).

A expansão da imprensa ainda foi impulsionada pela liberdade através da conquista de direitos fundamentais e da democracia como nova forma de governo. Os jornais passaram a ser reconhecidos como um meio de denunciar as mazelas e injustiças sociais. O jornalismo passou a ser um aliado da democracia e a partir de então ficou considerado como o Quarto Poder. (SODRÉ, 1999).

Sem deixar de vez a discussão do discurso político, o jornalismo passou a incorporar outros gêneros como notas, reportagens, entrevistas e crônicas. Surgiram então as editorias especializadas em temas e abordagens específicas como esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, notícias policiais, regionais, nacionais, internacionais e etc. (LUCA, 2008).

Com a ascensão do jornalismo, os meios de comunicação passaram a obrigatoriamente ter de descobrir e produzir notícias em escala cada vez maior para atender a demanda. Assim, a empresa jornalística cresceu, ofertando mais oportunidades de emprego. A atividade de repórter também ganhou maior destaque, responsabilidade e reputação. Transformou-se em uma profissão emergente. Era o repórter o responsável por descobrir os acontecimentos, apurar e enquadrar os fatos sob determinada perspectiva de notícia, com poder de despertar o interesse do público.

1.2 Características do Processo de Produção Midiática através do Jornalismo

Nos primórdios do jornalismo, as notícias resultavam de antigas formas de se contar histórias. Com o tempo isso foi mudando e inúmeras questões passaram a interferir na definição do que pode ou não ser considerado notícia. Diversos elementos dentro da dinâmica da produção jornalística interferem nessa construção, assim com pressupostos mentais, estereótipos e concepções prévias que circulam na sociedade. Como fatores influenciadores na produção jornalística destacam-se:

- O repórter escreve para agradar o editor;
- A construção dos fatos ocorre de acordo com os interesses do editor;
- Os textos jornalísticos (notícias, matérias, reportagens) são sempre redigidos de forma semelhante, como se seguissem um modelo pré-determinado. Os textos parecem ser moldados;
- Sempre que um editor é substituído ocorrem alterações no formato dos textos e até na forma como as notícias são percebidas e construídas;
- As fontes fornecem a matéria-prima para os produtos jornalísticos (notícias). Nesse contexto surge uma grande problemática da atividade jornalística. Ao mesmo tempo em que o repórter procura agradar a fonte para que essa se mantenha sempre acessível, ele também deve se atentar para não virar refém e acabar sendo manipulado por interesses particulares das fontes. A adoção do ponto de vista da fonte acaba sendo uma ocorrência muito comum;
- Um jornalista sempre produz seus textos tendo em mente a opinião de diferentes agentes sociais como outros repórteres, editores, fonte, veículo, público, assessor de imprensa etc. Geralmente os jornalistas se preocupam muito com a opinião de seus pares e assim acabam redigindo seus textos de forma com que sejam aceitos ou ao menos não rejeitados pelo meio jornalístico. Um jornalista não escreve somente para os leitores, mas principalmente pensando na opinião de outros

jornalistas que poderão ler seu texto e, portanto na construção de sua própria imagem. Há uma busca constante por reconhecimento e respeitabilidade dentro da categoria.

A atividade jornalística ainda é caracterizada por fatores determinantes como precisão, velocidade, pragmatismo e imperturbabilidade. (SODRÉ, 1999).

O jornal muitas vezes é considerado como o espelho da realidade, mas seu reflexo é subjetivo e depende do diversos pontos de vista. Esse reflexo é apenas uma dimensão na construção e percepção da realidade que ocorre de forma discursiva. Esse é o referencial que circula entre leitores e jornalistas. Ocorre um recorte da realidade, através de um viés do próprio jornalista ou do agente social que ele tem em mente quando pauta determinados acontecimentos e outros não.

Existem diversas abordagens na construção dessa realidade dentro do trabalho jornalístico que são chamados de enquadramentos midiáticos.

A área jornalística está intimamente ligada à aprovação do mercado através de da opinião do público e da audiência. Nesse ambiente, os jornalistas são os profissionais que mais estão propensos a considerar o índice de audiência durante o processo de produção de notícias e avaliação do veículo. Assim, jornalistas e veículos precisam fazer concessões de acordo com a lógica do mercado e do marketing. (BORDIEU, 1997).

1.3 Teorias do Jornalismo

Ao longo de várias décadas e com o avanço do jornalismo começaram a surgir diversas teorias com a intenção de explicar a partir de

quais princípios a atividade jornalística era desenvolvida e como as notícias eram produzidas. Existem diversas teorias que muitas vezes podem estar co-relacionadas, sendo elas:

Teoria do espelho

Corresponde a teoria defensora da própria ideologia jornalística, que diz que as notícias são como são porque correspondem ao reflexo da realidade. Segundo esta teoria, o jornalista é um profissional da comunicação que não possui interesses particulares relacionados ao executar de seu trabalho. Assim, um jornalista nunca deixa de cumprir com seu dever de informar e procurar sempre a verdade, independente de posicionamentos próprios ou de terceiros. O papel do jornalista é reconhecido como o observador que relata os acontecimentos com honestidade e equilíbrio. (TRAQUINA, 2005).

Teoria da ação pessoal ou a teoria do “gatekeeper”

Essa teoria surgiu nos anos 50 e foi aplicada pela primeira vez ao jornalismo por David Manning White.

Gatekeeper significa a pessoa que toma a decisão final quando existe uma sequência de opções, ou no caso do jornalismo, possíveis posicionamentos. Para esta teoria, o processo de produção de notícias é concebido a partir de uma série escolhas, na qual o jornalista precisa se decidir por uma que irá abordar em seu texto. As demais opções são excluídas e não serão publicadas pelo veículo que o gatekeeper atua.

De acordo com White esse processo de escolha é subjetivo e ocorrem de acordo com particularidades do jornalista ou do veículo,

dependentes de seus juízos de valor influenciado por experiências, atitudes e expectativas anteriores. Assim, as notícias podem ser consideradas como um produto das pessoas e de suas intencionalidades. Porém, a teoria do gatekeeper fundamenta-se apenas no processo de seleção dos fatos e de seus posicionamentos, abandonando outras importantes dimensões do processo de produção das notícias. (TRAQUINA, 2005).

A teoria do gatekeeper analisa as notícias apenas a partir de quem as produz: o jornalista. Assim, é uma teoria que privilegia apenas uma abordagem micro-sociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer fatores macro-sociológicos como a organização jornalística. É, assim, uma teoria que se situa ao nível da pessoa jornalista, individualizando uma função que tem uma dimensão burocrática inserida numa organização. (TRAQUINA, 2005, p. 151).

Teoria organizacional

A teoria organizacional analisa o trabalho jornalístico no contexto da organização. O jornalista direciona seu trabalho no mesmo caminho do posicionamento e valores do veículo para qual trabalha.

O jornalista prioriza a política e normas editoriais da organização até mesmo em relação as suas próprias convicções, crenças e valores. A cultura organizacional se sobrepõe em relação à cultura profissional ou pessoal. Dessa maneira, a direção da empresa jornalística controla a forma como as

notícias serão produzidas. (TRAQUINA, 2005).

Assim, segundo a *teoria organizacional*, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos e as reprimidas – dos meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a manutenção ou não do seu lugar, a escolha das suas tarefas, e a sua promoção – quer dizer, nada menos do que a sua carreira profissional. (TRAQUINA, 2005, 158).

Teorias de ação política

Nos anos 70, logo após a onda de protestos ocorrida nos anos 60, surgiu um processo de investigação que ficou conhecido como os estudos da parcialidade. Esse processo investigativo considera as notícias como o reflexo da realidade sem distorção, então procura-se investigar se na construção da notícia ocorreu ou não alguma distorção, uma vez que acredita-se ser possível reproduzir a realidade. Porém, a teoria de ação política considera também que os jornalistas fazem parte de uma classe partidária que possui parcialidades políticas e tem o poder de distorcer ou manipular as notícias a favor de suas opiniões.

De acordo com esta teoria os diferentes meios de comunicação e propagação de notícias correspondem a instrumentos que veiculam interesses políticos. Na versão de esquerda a mídia colabora para manter o sistema capitalista, já na versão de direita a mídia é questiona o capitalismo.

De acordo com Bourdieu (1997), hoje os jornalistas produzem e estabelecem uma visão particular da política, que encontra base nas estruturas do jornalismo e nos interesses particulares dos jornalistas que a partir de então começam a surgir.

Teorias Construcionistas

Nos anos 70 surgiu um novo conceito que passou a tratar as notícias como construção. Nesta teoria, a concepção de notícias como espelho da realidade é totalmente descartada. Segundo a teoria construcionista, as notícias não podem refletir a realidade, mas ajudam a construí-la. Assim, as notícias não seriam a representação fiel da realidade, mas também não seriam uma invenção da realidade, correspondendo portanto, a uma convenção entre o que aconteceu na realidade e o que foi construído e representado através da notícia.

Na perspectiva do paradigma construtivista, embora sendo índice do “real”, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento es-

colhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade. [...] a escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. Essa escolha é orientada pela aparência que a “realidade” assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas. (TRAQUINA, 2005, p. 174).

Teoria estruturalista

Essa teoria reconhece a relativa autonomia dos jornalistas em relação ao controle das notícias e que estas são um produto social constituído de práticas jornalísticas como suposições sobre o que é e como funciona a sociedade. Assim, a mídia tem o papel de reproduzir as definições de grupos que têm acesso privilegiado aos fatos. Durante a produção jornalística a mídia coloca-se em uma posição subordinada e estruturada em relação a quem detêm primeiro as informações reais dos acontecimentos.

Teoria Interacionista

As notícias resultam de um processo produtivo envolvendo a percepção, seleção e transformação dos acontecimentos (matéria-prima) em notícias (produto final). Nesse contexto, a teoria interacionista considera que os jornalistas vivem norteados pelo tempo que determina o resultado de seus trabalhos. Todo o dia é preciso ter notícias. Os acontecimentos podem surgir a qualquer mo-

mento e em qualquer parte, assim é preciso interagir de forma ordenada com espaço e tempo.

1.4 A Especialização Jornalística

A partir dos anos 60 os jornalistas começaram a se especializar em determinadas editorias de acordo com afinidades com temas que habitualmente costumavam cobrir ou que abordavam com maior facilidade. A tendência de especialização incentiva os repórteres a escrever para públicos específicos. (DARNTON, 1995).

Porém a especialização em áreas traz alguns problemas como a intimidade com as fontes, o que acaba ocasionando certa autocensura devido ao estreitamento de um relacionamento de amizade que muitas vezes se estabelece. Já um repórter que cobre diversas áreas não tem esse problema, pois não sofre retaliações antecipadas justamente porque não cria relações com suas fontes.

Considerações Finais

No final do século XIX o jornalismo constituía-se em um meio de debate dos discursos políticos através rejeição, neutralidade ou apoio às forças dominantes. Com o passar do tempo, a atividade jornalística passou por diversas transformações que mudaram principalmente sua essência e motivo de existência. O jornalismo começou a ser tratado como um produto, mas isso trouxe pontos positivos e negativos para a atividade. No lado positivo, aponta-se o próprio reconhecimento do jornalismo como profissão, sua estruturação e regularização, além de uma maior independência na cobertura dos fatos, mesmo que subjetiva. Já do lado

negativo, destaca-se a disputa pelo público e principalmente o surgimento de uma nova dependência, que se antes era estritamente política, passou a ser também econômica (dependente dos índices de leitores, audiência, resultados e lucratividade), além de, mesmo que em menor intensidade, ainda sofrer com pressões e subornos políticos.

Porém, as mudanças no campo jornalístico não se limitaram às transformações na estrutura de produção, organização e financiamento, atingiram também o conteúdo e a representatividade das notícias. Aos poucos surgiam as diferenças entre as matérias com cunho informacional, supostamente neutras e objetivas, e os textos opinativos na forma de artigos que apresentavam um posicionamento definido sobre determinados temas, abordados através de ideologias e valores particulares ao articulista.

A organização interna do jornalismo começou então a exigir diversas competências, como a divisão do trabalho e especialização em áreas. Assim o jornalismo passou a ser uma área com diversos profissionais e funções como redatores, articulistas, críticos, repórteres, revisores, desenhistas, fotógrafos, além do quadro de funcionários dos setores administrativos e de operacionalidade.

O jornalismo deve sempre se adaptar as evoluções sociais, sobretudo em relação às inovações tecnológicas, práticas culturais e padrões de comportamento. Nesse contexto, podemos concluir que o modelo de jornalismo que temos hoje tenta atender as características atuais de nossa sociedade.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A Influência do Jornalismo; Posfácio In: *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: *O Beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras. 1995, p.70-97.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luíza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O Adiantado da Hora*. A influência Americana sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.